

O colecionador de livros em “O livro de areia”, de Jorge Luis Borges, e em “Se um viajante numa noite de inverno”, de Italo Calvino: uma análise comparativa

The book collector in “El Libro de Arena” by Jorge Luis Borges and “If On a Winter’s Night A Traveler” by Italo Calvino: a comparative analysis

MARIANE DE SOUSA OLIVEIRA

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)

E-mail: marianesousaoliveira1@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo comparar o narrador-personagem do conto “O livro de areia”, de Jorge Luis Borges, e a personagem “não leitor/artista” do romance *Se um viajante numa noite de inverno*, de Italo Calvino. Com base nas considerações de Walter Benjamin a respeito do colecionador, buscamos uma aproximação entre essas personagens sob a hipótese de que ambas se configuram como colecionadores de livros, ainda que não sejam explicitamente referidas dessa forma. Ao final, percebemos que, assim como seus criadores, essas personagens apresentam aspectos de colecionadores, ao promoverem a separação do objeto de sua função e ao ato de salvar coisas da dispersão, atributos do autêntico colecionador.

Palavras-chave: colecionador; livros; Italo Calvino; Jorge Luis Borges.

Abstract: This paper aims to compare the narrator-character of the short story “El libro de arena” by Jorge Luis Borges and the “non-reader/artist” character from the novel “If on a winter’s night a traveler” by Italo Calvino. Based on Walter Benjamin’s considerations regarding the collector, we seek to draw a connection between these characters under the hypothesis that both can be seen as collectors of books, even though they are not explicitly referred to as such. In the end, we observe that, much like their creators, these characters exhibit traits of collectors by promoting the separation of the object from its function and by salvaging things from dispersion — attributes of the true collector.

Keywords: collector; books; Italo Calvino; Jorge Luis Borges.

O fascínio de uma coleção está nesse tanto que revela e nesse tanto que esconde do impulso secreto que levou a criá-la.

(Italo Calvino)

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No texto “Desempacotando minha biblioteca: um discurso sobre o colecionador”, Walter Benjamin traz uma consideração muito curiosa em relação ao colecionador de livros que captou sobremaneira nosso interesse que partimos dela para enunciar o estudo proposto aqui. Trata-se das formas de conseguir os livros para uma coleção. Ele diz a esse respeito: “de todas as formas de conseguir os livros, a mais louvável é escrevê-los e das formas mais costumeiras, a mais conveniente é tomá-los

emprestados” (Benjamin, 1987). Há ainda a aquisição de livros em diversas ocasiões: feiras, leilões, antiquários, catálogos etc.

Dessa ideia de “tomar emprestado”, interessa-nos o aspecto da não leitura. Benjamin observa que os livros tomados emprestados por um colecionador não são necessariamente lidos. Essa afirmação está associada a outra destacada por ele como uma característica fundamental na arte de colecionar: a dissociação do objeto em relação à sua função. Quando o objeto colecionado é o livro, embora sua função original não seja completamente suspensa, o colecionador tende a se concentrar mais em sua materialidade do que no conteúdo textual que ele porta.

No conto “O livro de areia”, de Jorge Luis Borges e no romance *Se um viajante numa noite de inverno*, de Italo Calvino, encontramos figuras fascinadas pelo objeto livro. Trata-se, no primeiro caso, do narrador protagonista; no segundo, de Inerio, uma personagem de aparição modesta, mas de grande relevância. O conto de Borges, narrado em primeira pessoa, apresenta a história de um homem que recebe a visita de um desconhecido, que se enuncia como um vendedor de bíblias. O anfitrião, por sua vez, elenca os volumes de bíblias que possui, justificando a ausência de interesse por novas aquisições. O vendedor apresenta-lhe, então, um livro sagrado que desperta de imediato a curiosidade do protagonista, ao descrever o objeto como um “*livro de areia*, porque nem o livro nem a areia têm princípio ou fim” (Borges, 2009, p. 102 – grifo do autor). Como previsto pelo vendedor, o livro provoca no homem a curiosidade e a ânsia por possuí-lo. Assim, apesar do valor elevado estabelecido para a venda e da impossibilidade de arcar com o preço inicialmente sugerido, o deslumbramento pelo objeto leva o protagonista a barganhar. Ao entrarem em um acordo, o vendedor de bíblias parte, deixando o homem com a posse do objeto misterioso.

O romance de Calvino, por sua vez, diz respeito às aventuras vivenciadas por Leitor, protagonista da narrativa. Após ler em um jornal sobre o lançamento do novo livro de Italo Calvino, *Se um viajante numa noite de inverno*, Leitor se dirige até a livraria para adquirir o volume. Com o livro em mãos, ele retorna para casa e, estabelecidas as condições ideais, abandona-se à leitura. Entretanto, quando a história já atingia o ponto mais envolvente, um erro de impressão o impede de prosseguir a leitura. Diante desse acontecimento, o Leitor retorna à livraria para trocar o exemplar defeituoso e retomar a leitura. Contudo, ao chegar lá, descobre que o fragmento que lera não era de Italo Calvino, mas de um escritor polonês chamado Tatus Bazakbal. Já envolvido pela narrativa, o Leitor se vê diante de duas alternativas: iniciar a leitura do verdadeiro livro de Calvino ou prosseguir a história de Bazakbal. Acaba se decidindo pela segunda, pois a narrativa de Bazakbal despertou nele tal interesse que sobrepujou o desejo inicial pela nova obra de Calvino.

Com *Fora do povoado de Malbork* em mãos, o Leitor volta para casa e reinicia o processo. Mais uma vez, é interrompido no ápice da narrativa. E outra vez ele vai atrás de uma explicação. E outra vez, ainda, descobre tratar-se de outro livro e não daquele que ele acreditava ler. Essa situação repete-se por dez vezes e a cada vez que o Leitor parte em busca da continuação da narrativa, encontra outros leitores e até mesmo alguém que se diz “não leitor”, porque faz coisas com os livros em vez de lê-los. Trata-se de Inerio, personagem de particular interesse para nosso estudo.

Com a finalidade de tecer algumas considerações sobre a figura do colecionador de livros, propomos com este trabalho uma leitura – fundamentada nas reflexões de

Walter Benjamin sobre o colecionador – do conto “O livro de areia”, de Jorge Luis Borges e do romance *Se um viajante numa noite de inverno*, de Italo Calvino. Objetivando uma aproximação entre o narrador-personagem do primeiro texto e a personagem “não leitor” do segundo, observando que ambos apresentam características que Benjamin atribui ao colecionador autêntico. Embora nenhuma dessas personagens seja explicitamente descrita como colecionadora de livros, acreditamos (e pretendemos, portanto, demonstrar) que tal interpretação é válida. Para empreender esta leitura, entrelaçamos as considerações de Benjamin às narrativas-objeto, com o intuito de observar as características do colecionador, o livro como objeto de coleção e o ato de colecionar livros.

2 COLEÇÃO EM BORGES E CALVINO

Se as personagens de Borges e Calvino são, de fato, autênticos colecionadores de livros, conforme propomos, ou ao menos se aproximam dessa figura, não é um fato aleatório. Tanto o escritor argentino quanto o italiano demonstram um conhecimento profundo em relação ao colecionismo. Ao observar suas obras, perceberemos o que a pesquisadora Maria Eliza Rodrigues Moreira aponta em textos como *Jorge Luis Borges e Italo Calvino: disseminação e diluições de textos outros* e *Biblioteca: de fronteiras, saberes e livros: a ideia da produção desses autores como bibliotecas e a concepção da biblioteca como coleção de saberes*.

No primeiro artigo, Moreira (2015) caracteriza a produção de Borges e Calvino como uma vasta biblioteca, evidenciando nos textos de ambos uma miscelânea de referências e uma diluição das fronteiras entre saberes diversos. Ela aponta o diálogo entre ciência e literatura em Calvino e o diálogo entre literatura e matemática em Borges. Sendo assim, Moreira observa que considerar as obras de Borges e Calvino como uma espécie de biblioteca implica considerá-los colecionadores de saberes, uma ideia que ela desenvolveu em *Biblioteca: de fronteiras, saberes e livros*, no qual reflete precisamente sobre o conceito de biblioteca nas obras dos dois autores. Ao aproximar novamente a ideia de biblioteca da de coleção, a imagem de Calvino e Borges como colecionadores de saberes ganha traços mais nítidos nas reflexões da pesquisadora:

Ao constituir suas narrativas, Borges e Calvino estariam fazendo de suas obras coleções de pensamentos e saberes nas quais o mundo, o conhecimento, a literatura se apresentam sob uma nova organização, preservados da dispersão que os cerca e a salvo de perder-se no “monte de lixo” que pode tornar-se a memória humana que procura dar conta de tudo simultaneamente. Ao colecionarem suas leituras e saberes e ordenarem essas coleções por meio de um novo texto, de uma literatura que dialoga com tempo e espaço e reinscreve sua memória num texto outro, Borges e Calvino fazem de suas obras bibliotecas, coleções de livros, arquivo de saberes políticos, científicos e estéticos que desejam ver preservados. (Moreira, 2012, p. 181-182)

Outra pesquisadora que discute a respeito da coleção em Calvino é Claudia Maia. Em sua tese *A imagem inalcançável do todo: coleções, museus, arquivos em Italo Calvino*, ela investiga a presença da coleção e de outros modelos de catalogação na obra do escritor italiano. A pesquisadora observa que a obra de Calvino se constitui a partir de

uma “poética colecionista”, pois procura dar ordem à multiplicidade do mundo e do conhecimento, ao mesmo tempo em que revela o extraordinário e o singular (Maia, 2013). Após uma investigação aprofundada dessa conjectura, Maia conclui que, em muitos de seus textos, Calvino desenvolve

[...] uma poética colecionista, valendo-se, para isso, de um conhecimento pulverizado, capaz de estabelecer relações entre as coisas mais heterogêneas. Essa poética colecionista o fez desconstruir a ideia de um todo dado, completo, acabado, e edificar uma literatura múltipla, com infinitas possibilidades e caminhos, assim como o mundo. (Maia, 2013, p. 199)

Maia afirma, ainda, que Calvino inscreve-se em uma linhagem de escritores enciclopédicos, que compreende Flaubert, Borges, Perrec, entre outros. De fato, o escritor argentino, assim como o italiano, exemplifica aquilo que Calvino chamou de “multiplicidade”. Em 1984, Calvino foi convidado a proferir as conferências Norton na Universidade de Harvard, um ciclo de seis palestras apresentadas ao longo de um ano letivo. Ele elegeu como tema central de suas conferências seis valores literários que gostaria que fossem preservados no próximo milênio. O ciclo estava programado para o ano letivo de 1985-1986. Assim que definiu o tema, Calvino dedicou-se integralmente à preparação das “lições americanas”, como as chamava. Ele reuniu material não apenas para as seis conferências previstas, mas para oito, conforme relatado por sua viúva, Ester Singer Calvino, no prefácio de *Seis propostas para o próximo milênio* (1990).

Os valores abordados por Calvino (1990) são: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência. No ano em que deveria partir para Harvard, Calvino já havia concluído as cinco primeiras conferências e pretendia desenvolver a sexta durante a sua estadia, mas sua morte prematura interrompeu o projeto. Da última lição, restaram apenas o título e a informação de que Calvino faria referência à personagem Bartleby, da novela *Bartleby, o escrivão: uma história de Wall Street*, de Herman Melville. As lições escritas foram publicadas postumamente, resultando no livro supramencionado.

O tema da conferência “Multiplicidade” gira em torno da ideia do “romance contemporâneo como enciclopédia, como método de conhecimento, e principalmente como rede de conexões entre os fatos, entre as pessoas, entre as coisas do mundo” (Calvino, 2003, p. 123). Ao explorar esse tema, Calvino evoca uma linhagem de escritores que incorporam tais aspectos; incluindo Borges, tomando um de seus inúmeros contos como exemplo, indicando os aspectos de multiplicidade que se faz reconhecer em praticamente qualquer escrito do autor:

As razões de minha predileção por Borges não param por aqui; procurei enumerar as principais: porque cada texto seu contém um modelo do universo ou de um atributo do universo – o infinito, o inumerável, o tempo, eterno ou compreendido simultaneamente ou cíclico; porque são sempre textos contidos em poucas páginas, com exemplar economia de expressão; porque seus contos adotam frequentemente a forma exterior de algum gênero da literatura popular, formas consagradas por um longo uso, que as transforma quase em estruturas míticas. (Calvino, 2003a, p. 135)

De sua própria produção, Calvino menciona como exemplos *Se um viajante numa noite de inverno* (1979) e *O castelo dos destinos cruzados* (1976), por tratar-se de narrativas que funcionam como uma espécie de “hiper-romance” e de “máquina de multiplicar as narrações”, respectivamente (Calvino, 2003, p. 136-137). Esses exemplos constituem o que ele denomina uma “amostragem da multiplicidade potencial do narrável” (Calvino, 2003, p. 137).

Tendo em mente que as obras de Calvino e Borges se constituem como verdadeiras amostras de multiplicidade — ou seja, como método de saber e rede de conexão entre pessoas, fatos e as coisas do mundo — analisaremos, a seguir, como as reflexões de Benjamin a respeito da figura do colecionador de livros, o livro como objeto de coleção e a arte de colecionar ressoam nas narrativas desses dois autores.

3 O COLECIONADOR DE LIVROS EM “O LIVRO DE AREIA” E EM *SE UM VIAJANTE NUMA NOITE DE INVERNO*

A personagem-narrador do conto de Borges e a personagem não-leitor/artista¹ do romance de Calvino não são explicitamente referidas como colecionadores. No entanto, assim como a produção de seus autores revela gestos relacionados ao ato de colecionar, essas personagens também evidenciam, de maneira semelhante, esse comportamento. Para tornar ainda mais clara a figura do colecionador de livros, subsumida nas personagens em questão, recorreremos a algumas das considerações feitas por Benjamin a respeito do colecionador, que conseguimos reconhecer nas personagens de Borges e Calvino. A primeira delas refere-se à separação do objeto de sua função original e sua subsequente inserção em um círculo de coisas afins:

É decisivo na arte de colecionar que o objeto seja desligado de todas as suas funções primitivas, a fim de travar a relação mais íntima que se pode imaginar com aquilo que lhe é semelhante. Esta relação é diametralmente oposta à utilidade e situa-se sob a categoria singular da completude. O que é esta “completude” <?> É uma grandiosa tentativa de superar o caráter totalmente irracional de sua mera existência através da integração de um sistema histórico novo, criado especialmente para este fim: a coleção. E para o verdadeiro colecionador, cada uma das coisas torna-se neste sistema uma enciclopédia de toda a ciência da época, da paisagem, da indústria, do proprietário do qual provém. O mais profundo encantamento do colecionador consiste em inscrever a coisa particular em um círculo mágico no qual ela se imobiliza, enquanto a percorre um último estremecimento (o de ser adquirida). (Benjamin, 2009, p. 239)

Quando o vendedor de bíblias se apresenta à porta do narrador no conto de Borges, este, antes de ceder à compra do livro misterioso, procede com um exame tático do livro. Ele interroga o vendedor sobre a origem do objeto e como o livro chegou a sua

¹ A personagem em questão apresenta-se ao protagonista (Leitor) como um “não leitor” e causa certo estranhamento já que mesmo se recusando a ler possui uma relação estreita com o objeto livro. O Leitor não tarda a descobrir que esse “não leitor” é também um artista que se vale do objeto livro para construir objetos de arte. Por isso a referência a ele como “não leitor/artista”.

posse. Somente após essa avaliação prévia, o narrador trata de negociar a aquisição do item:

Abriu a valise e deixou-o encima da mesa. Era um volume in-oitavo, encadernado em tela. Sem dúvida passara por muitas mãos. Examinei-o; seu peso inusitado surpreendeu-me. Na lombada dizia *Holy Writ* e, embaixo, *Bombay*.

— Será do século XIX? — observei.

— Não sei. Nunca soube — foi a resposta.

Abri-o ao acaso. Os caracteres eram estranhos para mim. As páginas, que me pareceram gastas e de pobre tipografia, estavam impressas em duas colunas à maneira de uma Bíblia. O texto era cerrado e disposto em versículos. No canto superior das páginas havia algarismos arábicos. Chamou minha atenção que a página par trouxe o número (digamos) 40514 e a ímpar, a seguinte, 999. Virei-a; o dorso era numerado com oito algarismos. Trazia uma pequena ilustração, como é de uso nos dicionários: uma âncora desenhada à pena, como pela mão inábil de um menino. [...]

— Trata-se de uma versão da Escritura em alguma língua hindustânica, não é verdade?

— Não — replicou.

Em seguida baixou a voz como para me confiar um segredo:

— Adquiri-o num povoado da planície, em troca de umas rupias e da Bíblia. Seu dono não sabia ler. (Borges, 2009, p. 101-102)

Note-se que, em nenhum momento, o narrador questiona o conteúdo do livro ou a narrativa registrada em suas páginas, assim como ocorre com Irnerio. A personagem de Calvino, de maneira semelhante, também examina os livros que vai adquirir, embora, no seu caso, essa aquisição ocorra por meio do empréstimo:

Há livros que me dão logo a ideia do que fazer com eles; há outros que não, deles não me vem nada. Algumas vezes me vem a ideia, mas não consigo realizá-la enquanto não encontro o livro adequado. — Ele desarruma os volumes numa prateleira; sopesa um, observa-o de frente e de lado e o deixa ali. [...]. (Calvino, 2003b, p. 153)

Sua declaração é uma resposta ao questionamento do Leitor, que o flagra tomando emprestado os livros da amiga Ludmilla. Uma vez que Irnerio se define como “não-leitor”, o Leitor se vê intrigado: por que pegar os livros se não pretende lê-los? Irnerio então explica que utiliza os livros para a produção de suas esculturas. O que chama atenção, contudo, é que tanto Irnerio quanto o narrador desligam o objeto livro de sua função primordial - admitindo que a função primeira do livro seja a leitura. Ambos se interessam mais pela materialidade do objeto do que pelas informações contidas em suas páginas. Além do mais, a satisfação em imobilizar o objeto no momento da aquisição, quase como se estivesse aprisionado em uma coleção de itens afins, é evidente em ambas as personagens.

A aquisição do livro é, de fato, um aspecto muito importante, conforme Benjamin observa em “Desempacotando minha biblioteca: um discurso sobre o

coleccionador". Esse aspecto é particularmente relevante no caso de Irnerio, como vimos, pois sua aquisição dos livros revela uma intenção oculta de não ler:

Dos modos costumeiros de adquirir livros, o mais conveniente seria tomar emprestado sem a subsequente devolução. O sujeito que se destaca pela quantidade de livros que tomou emprestados – que é a quem visamos aqui – mostra-se como um inveterado colecionador de livros não tanto pelo fervor com que guarda seu tesouro emprestado nem pelos ouvidos moucos que faz a qualquer advertência proveniente do mundo cotidiano da legalidade, mas pelo fato de que não lê os livros. (Benjamin, 1987, p. 229)

Seria o “não ler” uma característica do colecionador? É o que Benjamin indaga na sequência. Se o que define uma coleção é a separação dos objetos de sua função original, tornando-os “inoperantes” – conceito desenvolvido pelo filósofo italiano Giorgio Agamben, que explora justamente essa desvinculação –, então um sujeito como Irnerio, que acumula livros sem a intenção de lê-los, pode ser considerado um colecionador.

Contudo, acreditamos que o exame da materialidade dos livros também configura uma forma de leitura. Assim como o observador de uma coleção “lê” no “círculo mágico” desses objetos a história que eles carregam e o impulso que levou o colecionador a reuni-los. Italo Calvino explora essa ideia no ensaio “Coleção de areia”²(2010), ao abordar como os objetos de uma coleção transcendem suas funções práticas. Talvez o colecionador de livros nem sempre lerá o texto contido em suas páginas, mas certamente lerá a história do objeto: seu formato, peso, tamanho; as mãos pelas quais passou; seu tempo de existência; e quem o possuiu anteriormente. Esses aspectos contam mais para o colecionador do que o texto em si, afinal, “[...]os dados ‘objetivos’, assim como os outros, forma para o autêntico colecionador em relação a cada uma de suas posses uma completa enciclopédia mágica, uma ordem do mundo, cujo esboço é o *destino* de seu objeto” (Benjamin, 2009, p. 241 – grifo do autor).

Nos mesmos fragmentos textuais tomados como exemplos acima, nos quais observamos o fervor com que o narrador e Irnerio isolam o objeto de seu uso para inseri-lo em uma coleção, percebemos outro aspecto destacado por Benjamin. Trata-se da capacidade de reconhecer, no momento de aquisição, o valor intrínseco do objeto, avaliando se ele justifica o investimento:

De modo algum a aquisição de livros se resolve apenas com dinheiro ou apenas com o conhecimento de perito. Nem mesmo estes dois fatores juntos bastam para o estabelecimento de uma verdadeira biblioteca, que sempre contém, ao mesmo tempo, o inescrutável e o inconfundível. Quem compra a partir de catálogos deve possuir, além

² Trata-se de um ensaio no qual Calvino descreve sua visita a uma exposição de “coleções estranhas”, em Paris. Dentre as coleções o autor destaca a de “máscaras antigas”, a de “Mikey Mouse” e a mais misteriosa: a “coleção de areia”, que o leva a refletir sobre a coleção como uma espécie de diário, ou seja, faz com que ele aproxime o ato de colecionar do ato de escrever e se reconheça, ele próprio, como um colecionador. A esse respeito, Maia (2013, p. 67) declara: “Mais do que em qualquer outro livro, Calvino dá a ver seu afã colecionador, a quem nada passa despercebido; pelo contrário, o que aos olhos de outros pareceria insignificante, aos seus é submetido a uma acurada observação, meticulosa análise. [...] Em ‘Coleção de areia’, Calvino tece importantes considerações sobre o ato de colecionar, a coleção em si e a paixão e obsessão que movem os colecionadores, para, depois, ao final, estabelecer uma comparação entre a coleção de areia e a escrita”.

das qualidades mencionadas, um faro apurado. Datas, nomes de lugares, formatos, donos anteriores, encadernações, etc.: todas essas coisas devem ter um significado para ele, não só como fatos isolados e áridos, mas devem se harmonizar, e, pela quantidade e intensidade dessa harmonia, o comprador deve ser capaz de reconhecer se um livro lhe convém ou não”. (Benjamin, 1987, p. 231)

Foi assim que, conforme observamos anteriormente, o narrador de Borges soube que o livro de areia era incomum e valia o empreendimento. Por meio do exame da materialidade e da história inscrita nela, ele percebeu seu valor e decidiu que valia investir todo o montante que possuía, bem como qualquer outro esforço necessário para convencer o vendedor a se desfazer do livro:

[...] fixou uma soma elevada. Respondi-lhe, com toda a sinceridade, que aquela era uma soma inacessível para mim e fiquei pensando. Depois de uns poucos minutos, tinha urdido meu plano.

— Proponho-lhe uma troca — disse. — O senhor obteve esse volume por umas rupias e pela Escritura Sagrada; eu lhe ofereço o montante de minha aposentadoria, que acabo de receber, e a Bíblia de Wiclif em letra gótica. Herdei-a de meus pais. (Borges, 2009, p. 103)

Esse mesmo conhecimento é alcançado por Irnerio, que, apenas por meio de suas observações e do contato superficial, por assim dizer, com os livros de sua amiga, consegue identificar quais deles servirão para a criação de uma boa escultura:

— Há livros com que simpatizo e outros que não consigo suportar, e estes sempre me caem nas mãos. [...]

— Pode-se dizer que você conhece de cor a biblioteca de Ludmilla.

— Ah, em geral é sempre a mesma coisa... Mas é bonito ver estes livros todos juntos. Adoro livros...

— Como assim?

— É, gosto de ter livros à minha volta. É por isso que a gente se sente bem aqui na casa de Ludmilla. Não acha? (Calvino, 2003b, p. 153-154)

A casa de Ludmilla é repleta de livros, porém, eles não estão organizados ou reunidos em um único lugar, como em prateleiras de uma biblioteca. Quando o Leitor visita sua casa para discutir a busca por uma das narrativas que ambos estavam lendo, ele chega antes do horário combinado e, encontrando-se sozinho, submete o ambiente a um exame detalhado, buscando desvendar os segredos de Ludmilla. Ao observar os livros, nota que estão dispostos de forma desordenada:

Por toda parte há volumes espalhados, alguns abertos, outros com marcadores improvisados ou com um canto de página dobrado. Vê-se que tem o hábito de ler vários livros ao mesmo tempo, que escolhe leituras diversas para as diferentes horas do dia, para os vários lugares de sua pequena moradia: há livros que se destinam ao criado-mudo, outros que encontram lugar junto à poltrona, na cozinha ou no banheiro. (Calvino, 2003b, p. 150)

A afirmação de Iinnerio de que se sente confortável na casa de Ludmilla está ligada a outra característica do colecionador e da arte de colecionar: a habilidade de resgatar os objetos da dispersão:

Talvez o motivo mais recôndito do colecionador possa ser circunscrito da seguinte forma: ele empreende a luta contra a dispersão. O grande colecionador é tocado bem na origem pela confusão, pela dispersão em que se encontram as coisas no mundo. (Benjamin, 2009, p. 245)

Conforme observado, os livros na casa de Ludmilla estão dispersos, espalhados pelos diversos cômodos. Iinnerio "colecciona" a partir deles, selecionando quais dentre esses volumes dispersos serão imobilizados em suas esculturas. No caso do narrador de Borges, notamos que ele também é afetado pela confusão inicial, pois, a princípio, reluta em adquirir o livro. No entanto, ao observar a desordem, o infinito e o caráter irrepetível nas páginas do *Livro de Areia*, sente uma necessidade desesperada de possuí-lo. É como se o objeto fosse uma profusão de elementos gráficos emaranhados, confusos e dispersos, mas todos salvos da dispersão pelas próprias capas que os protegem. O livro torna-se, assim, um objeto singular, já que o narrador nunca havia tido contato com algo semelhante, em meio a uma infinidade de livros "iguais". A prova de que seu desejo de possuir o livro reflete essa "luta contra a dispersão" está no desfecho do conto. Após ficar completamente obcecado pelo objeto e temendo ser consumido por ele, o narrador decide se livrar do livro, "perdendo-o" propositalmente em uma biblioteca pública, já que, segundo ele, "[...] o melhor lugar para esconder uma folha é um bosque" (Borges, 2009, p. 105).

Diante da breve comparação entre as personagens de Borges e Calvino, resta saber se podemos afirmar que elas são, de fato, autênticos colecionadores de livros.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo estabelecer uma aproximação entre as personagens "narrador", do conto de Jorge Luis Borges, e "Iinnerio", do romance de Italo Calvino, sob a hipótese de que ambos são colecionadores de livros. Dentre as considerações feitas por Walter Benjamin sobre as características e atributos de um colecionador, a mais evidente é a que os define como "intérpretes do destino" (Benjamin, 1987, p. 228). Essa ideia de que os dados objetivos que um objeto carrega contam sua história — a história de sua inserção na coleção — está presente nos gestos das duas personagens e encontra ressonância no próprio "Coleção de areia". Ao observar uma coleção de "máscaras antigas", por exemplo, Calvino indaga: "Que espírito terá conduzido o colecionador?"

Um sentimento – creio – ao mesmo tempo irônico e assustado diante da humanidade que estivera perfeitamente pronta a uniformizar-se com aqueles semblantes entre animais e mecânicos; ou talvez até uma confiança nos recursos do antropomorfismo que inventa novas formas à imagem e semelhança do rosto humano para adaptar-se a respirar fôlego ou iverita, não sem uma ponta de caricatural deboche. E certamente também uma vingança contra a guerra, ao fixar naquelas máscaras o aspecto rapidamente obsoleto e que, portanto, agora parece

mais ridículo que terrível; mas também o sentimento de que naquela crueldade atônita e estúpida ainda se reconheça nossa verdadeira imagem. (Calvino, 2010, p. 13)

Com um simples questionamento, alinhado à observação do “círculo mágico” de objetos salvos da dispersão, o escritor registra a infinidade de coisas que se pode depreender do destino desses objetos e, no mesmo gesto, reforça a ideia que desenvolve neste texto: a coleção como uma espécie de diário. Da mesma forma, com o aparentemente simples exame dos livros com os quais têm contato, o narrador-personagem de Borges e o não leitor/artista de Calvino leem o não escrito, o “conhecimento pulverizado, capaz de estabelecer relações entre as coisas mais heterogêneas”, do qual fala Maia (2013, p. 199).

O olhar de colecionador que essas personagens lançam sobre o objeto livro identifica-se, sobretudo, por essas duas características: a capacidade de enxergá-lo além de sua função primordial e o desejo de salvá-lo da dispersão. Esse espírito colecionista que anima os autores dessas narrativas — colecionadores de saberes e agentes de uma literatura múltipla — estende-se, portanto, às personagens de suas respectivas obras. Assim, tanto o narrador de Borges quanto Irnerio refletem a complexidade e a riqueza do ato de colecionar, estabelecendo um elo entre a literatura, a memória e o conhecimento. Sendo assim, podemos afirmar que mais do que colecionadores, tanto o narrador borgiano quanto o não leitor/artista calviniano são, eles próprios, uma espécie de coleção, afinal,

[...] quem somos nós, quem é cada um de nós, senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis. (Calvino, 2003a, p. 140)

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O colecionador. In: BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 237-246

BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca: um discurso sobre o colecionador. In: BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**: obras escolhidas volume 2. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho; José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 227-235.

BORGES, Jorge Luis. O livro de areia. In: BORGES, Jorge Luis. **O livro de areia**. Tradução Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 100-105.

CALVINO, Italo. Multiplicidade. In: CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. Tradução Ivo Barroso. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003a, p. 119-140.

CALVINO, Italo. Coleção de areia. *In*: CALVINO, Italo. **Coleção de areia**. Tradução Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 11-16.

CALVINO, Italo. **Se um viajante numa noite de inverno**. Tradução Nilson Moulin. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003b.

MAIA, Claudia. **A imagem inalcançável do todo**: coleções, museus, arquivos em Italo Calvino. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 215 f. 2013.

MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues. Biblioteca: de fronteiras, saberes e livros. **Língua e Literatura**, [S. l.], n. 30, p. 177–193, 2012. DOI: 10.11606/issn.2594-5963.lilit.2012.97537. Disponível em: <https://revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/97537>.

MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues. Jorge Luis Borges e Italo Calvino: Disseminações e diluições de textos outros. **Revista Recorte**, v. 6, n. 1, 2015. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/2050/1742>